

A Linguística e o gênero neutro no Português



Guilherme Teixeira [Follow](#)

Apr 5, 2018 · 14 min read



Photo by [Kelly Searle](#) on [Unsplash](#)

Neste texto, serão apresentadas de forma breve as concepções social e biológica de gênero, apontando suas principais incompatibilidades. Em seguida, abordaremos a tentativa de se explicar socialmente a desigualdade que a língua proporciona às pessoas que se identificam com gêneros não binários (i.e. gêneros masculino e feminino). Por último, dada a insuficiência explicativa da abordagem social frente ao tema, analisaremos sob o ponto de vista estritamente linguístico o funcionamento dos gêneros na gramática da língua portuguesa.

Gênero biológico versus gênero social

A distinção principal entre os conceitos biológico e social do termo “gênero” diz respeito à incompatibilidade entre o primeiro ser determinado socialmente e o segundo ser construído socialmente. Há três parâmetros pelos quais o ser humano percorre na construção de seu sexo: a definição de sexo, a definição de orientação sexual e a de identidade de gênero. Os três não devem ser confundidos entre si, embora estejam relacionados.

Sexo

O sexo define qual órgão reprodutor será desenvolvido durante a gestação. O indivíduo que desenvolve dois órgãos genitais é denominado intersexo. É importante ressaltar que há gradações entre o indivíduo do sexo masculino, entre o intersexo “verdadeiro” e entre o indivíduo do sexo feminino.

Orientação sexual



Escala Kinsey.

Há também a orientação sexual, que pode ser representada por um *spectrum* chamado Kinsey's Continuum (Em uma extremidade estão os heterossexuais e, na

outra, os homossexuais; na intersecção estão os bissexuais). Lembrando que essa definição é apenas conceitual, posto o *continuum* existente inerente a essa definição.

Os heterossexuais sentem atração afetiva e sexual por indivíduos do sexo biológico oposto e por indivíduos cuja identidade seja oposta à sua própria. Já os homossexuais sentem atração afetiva e sexual por indivíduos do mesmo sexo biológico e por indivíduos cuja identidade seja idêntica à sua própria.

Identidade de gênero

A identidade também pode ser representada de forma gradual, tendo em uma ponta os cisgêneros e na outra os transgêneros.

Cisgênero é a pessoa que se identifica com o gênero que lhe foi atribuído. As pessoas não-cissexuais são aquelas que não se identificam com o gênero que lhes foi atribuído. As pessoas trans (ou transexuais) estão contidas no subconjunto dos transgênero, como explica Jaqueline Jesus em seu guia:

Denominamos as pessoas não-cisgênero, as que não são identificam com o gênero que lhes foi determinado, como transgênero, ou trans.

Esses indivíduos não encontram representatividade na sociedade, conservadora a ponto de negar-lhes o direito à existência. Essa falta de representatividade parece se estender até mesmo à língua por nós compartilhada, visto que a gramática do Português nos obriga a optar pelos únicos dois gêneros gramaticais disponíveis, o masculino e o feminino. É intuitivo observar que, como se não fosse o bastante, o Português também tende a beneficiar o gênero masculino por meio de seus morfemas de gênero.

Entretanto, analisando mais a fundo o funcionamento gramatical dos gêneros do Português, será que essa concepção de fato se mostra verdadeira?

Gênero social versus gênero gramatical

A aparente falta de representatividade na língua – proporcionada pela ausência de morfemas que poderiam ser usados para designar gêneros diferentes dos tradicionais binários – deve-se à interpretação feita por aqueles que, embora possam conhecer suficientemente aspectos dos gêneros dentro dos Estudos de Gênero nas Ciências Sociais, talvez desconheçam o funcionamento dos gêneros sob o ponto de vista interno da linguagem. Assim como é útil distinguir sexo biológico de identidade de gênero – como foi feito acima – é necessário que seja definido o gênero

linguístico-gramatical como completamente distinto de quaisquer acepções exteriores à linguagem, sejam elas de cunho biológico ou de cunho social.

O mito da influência social na linguagem

As ciências da Linguagem podem ser agrupadas em três ramos principais: **som**, **estrutura** e **significado**. Dentro de som estão os estudos da Fonética e da Fonologia. Por estrutura entende-se os estudos dentro da Morfologia e da Sintaxe. A Semântica e a Pragmática ocupam-se dos estudos do significado nas línguas naturais. Tais subdivisões nos oferecem uma noção de delimitação entre cada nível de análise, desde os mais físicos, que estudam os sons e as articulações do aparelho fonador humano, até os mais abstratos, que chegam a analisar a linguagem em seu uso. São possíveis também relações de interface, como acontece entre a Fonética e a Fonologia, ou entre Sintaxe e Semântica.

No entanto, em uma outra faceta da linguagem referente à oposição **língua falada versus língua escrita**, não são verificadas relações de interface, de modo que o estudo de uma não influencia necessariamente o estudo de outra. Ou seja, é comum alterações proporcionadas por acordos ortográficos políticos não se reverterem em mudanças no sistema da língua falada, por esta ser autônoma em relação a eles e alheia às suas revoluções — salvo exceções, como por exemplo o substantivo “subárea”, cuja pronúncia alguns adotaram como [subi’arɐ] após o último Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. A própria língua oferece diferentes ferramentas para que se possa concluir que mudanças linguísticas não acompanham mudanças sociais a ponto de serem por elas determinadas.

. . .

Não há relação entre sociedades mais avançadas no que diz respeito aos direitos das pessoas não-binárias e a língua falada por eles. Ter à disposição em sua gramática um morfema neutro não confere representatividade social ao indivíduo. Países como a Turquia, cuj a língua é completamente neutra em relação ao gênero dos substantivos, não necessariamente refletem essa neutralidade no que diz respeito aos direitos das mulheres e das minorias.

Do ponto de vista da gramática, portanto, é possível afirmar que os gêneros na língua portuguesa serem entendidos como uma oposição entre masculino e feminino não é um reflexo dos avanços ou retrocessos sociais sobre o tema. Além de ser

possível que outros tipos de gêneros gramaticais aconteçam, estes não necessariamente têm sexo como critério de distinção. A língua Yorubá é completamente *gender neutral* em relação a homens e mulheres; a língua Gurr-Goni, falada em Arnhem Land (norte australiano), tem como critério de distinção de gênero a oposição **comestível/não comestível**; o Latim, como muitas outras línguas, possuía gênero masculino, feminino e neutro.

A ideia da evolução da linguagem em seus aspectos estruturais causada por avanços sociais e mudanças culturais, embora intuitiva, não mostra ser o caso. Se avanços sociais, como por exemplo os tecnológicos, alavancam mudanças linguísticas, como então explicar os mecanismos que proporcionam mudanças em sociedades até hoje caçadoras-coletoras como a língua sentinelesa falada pelo povo sentinelês? A ciência da linguagem ainda busca uma resposta para a pergunta “por que as línguas mudam?”, não sendo possível, portanto, detectar qual seria o fator social responsável, por exemplo, por causar o surgimento da estrutura tópico-comentário tanto no japonês quanto no português brasileiro, o que não aconteceu em nenhuma outra língua românica, tampouco em outras línguas faladas em países que fazem fronteira com o Brasil, justamente porque o surgimento de tal fenômeno permanece sem explicação.

Alguns grupos que protestam contra a suposta imposição do gênero masculino sobre todos os outros na língua portuguesa adotam o símbolo “@” e a letra “x” na posição dos morfemas de gênero nos nomes na tentativa de neutralizá-los. Porquanto língua escrita e língua falada não se confundem, é impossível que essas intervenções sejam aplicáveis no cotidiano das duas modalidades, por elas não caracterizarem uma relação de interface como acontece com outros conceitos dentro das teorias da linguagem. A língua escrita é meramente uma tentativa de representação gráfica — e uma abstração — da língua falada. Palavras como “professorxs” e “alun@s” são simplesmente impronunciáveis; a tal solução estética falta reflexão suficiente sobre os mecanismos das gramáticas, pois, como vimos, a inserção do “x” e do “@” não influencia morfologicamente o sistema do PB. Pessoas mais competentes do que eu, como a Bárbara Rocha, explicaram como e por que ambos “@” e “x” não funcionam nem na teoria nem na prática. Neste texto, me concentrarei em mostrar por que o “e”, além de ser uma má solução, simplesmente não funciona como um neutralizador gramatical de gênero no Português.

O uso do “e” como tentativa de neutralização de gênero no português

Com o “e”, surgem palavras perfeitamente pronunciáveis, como “menines” (“meninos”/”meninas”), “bonites” (“bonitos”/”bonitas”); por conseguinte, a criação desse morfema seria uma saída válida, já que o “e” como morfema neutro resolveria os problemas de representatividade na língua. No entanto, como a Monique Freitas, do Cientistas Feministas, mostra em seu texto sobre o assunto, por ser pronunciável, o “e” se mostra uma alternativa mais efetiva do que o arroba e o xis, porém ainda assim apresenta problemas práticos:

“Entretanto, como mencionado anteriormente, devido às características morfossintáticas da língua portuguesa, a construção de frases conjugadas a partir das propostas de gênero neutro aqui exemplificadas, implica em um processo espinhoso, pois depende da alteração de não apenas um item gramatical, mas sim da total adaptação dos sintagmas nominais.

(...) uma oração como “Minha professora é uma ótima pesquisadora” se tornaria algo como “Mi professore é ume ótime pesquisadore”.”

Torna-se evidente no sentido prático a insuficiência também do “e”, mas o sistema gramatical do Português nos mostra por que nenhum deles funciona. Em contraponto ao uso do “e” como alternativa morfêmica válida, e observando diacronicamente os comportamentos fonético, morfológico e sintático dos NPs (*Noun Phrases*) desde o Latim Vulgar, passando pelo Português Arcaico, até o Português Moderno, obtemos explicações sobre por que, para o sistema linguístico, tal alternativa não se mostra verdadeiramente eficaz.

A partir da dialeção do latim, quase todas as desinências casuais deram lugar a preposições (com exceção dos casos nominativo e acusativo) e os três gêneros expressos foneticamente, de três passaram a ser dois. Posteriormente, o caso acusativo desapareceu no Latim Vulgar; tal mudança possibilitou o surgimento da forma atual dos gêneros masculino e feminino, como mostrado no quadro abaixo:



Quadro 1: Formas do Nominativo e Acusativo (Pires; Monaretto, 2012)

Com a queda do caso nominativo, suas formas plurais “-ae” (1ª declinação) e “-ī” (2ª declinação) cedem espaço às formas “-as” e “-os” do caso acusativo.

Além do desaparecimento dos casos, houve também um processo de simplificação das cinco declinações do Latim, identificáveis por suas vogais temáticas características. A primeira declinação é “a”; a segunda, “o/u”; a terceira, “i/e”; a quarta, “u”; e a quinta, “e”. Os nomes da 5ª declinação (“e”) vão para os da 3ª (“i/e”) e os da 4ª (“u”) vão para os da 2ª (“o/u”), tudo graças a fatores de semelhança sonora. Ou seja, nomes como “mundo”, “amigo” e “desejo” têm a mesma vogal temática “o” (2ª declinação). Outros nomes, como “senhor”, “luz” e “animal”, por não apresentarem vogal temática em suas formas lexicais, demonstram-na através de seus plurais (“senhores”, “luzes” e “animais”) (posteriormente “animais”). É aqui onde o “e” – candidato a intervenção a fim de que a língua se torne mais inclusiva – entra: nomes da 3ª declinação vieram para o português, como pode se verificar em formas como “a morte”, “o nome” e “a saúde”. A vogal temática “e”, por não ser um morfema de gênero, está presente tanto em nomes masculinos quanto em nomes femininos.

Segundo Caroline Pires e Valéria Monaretto, no português atual

“as formas neutras dos substantivos e adjetivos latinos foram absorvidas ora pelas palavras de gênero masculino ora pelas de gênero feminino, não apresentando atualmente a expressão gramatical para a categoria semântica neutra. A flexão de gênero em português é caracterizada pelo emprego do morfema -a para o gênero gramatical feminino e pelo morfema zero (Ø) para o gênero gramatical masculino; ou seja, não marcado por morfema algum, assim como ocorre com o plural em português, que possui o morfema -s para o plural e morfema zero para o singular.”

Sabemos que a construção dos nomes em PB se dá através dos três paradigmas vocálicos resultantes do que a língua herdou das declinações latinas, que são as três vogais temáticas “a”, “e” e “o”. Sabemos também que a vogal temática “a” nos substantivos femininos carrega, além do tema, a função gramatical de gênero. Entretanto, os nomes que possuem as outras duas vogais temáticas **têm morfema zero (Ø) para gênero**, o que equivale a dizer que substantivos e adjetivos que não estão no feminino concordam tanto com o masculino quanto com *nada*. No limite, podemos afirmar que a língua portuguesa possui apenas um gênero, que é o feminino, quando morfemicamente marcado, pois adjetivos dispõem-se na mesma forma para concordarem com substantivos não marcados e para não concordarem com nada, como mostrado a seguir no exemplo (1).

- a. Aqui é bom.
- b. Está frio nesta sala.
- c. Uma cerveja seria ótimo.

A vogal temática “e” dá conta de determinar que um nome não está fazendo concordância de gênero, pois a única concordância de gênero possível é aquela do que o linguista canadense John W. Martin chamou de marcados. Para o sistema linguístico, além de ineficaz, é redundante tentar atribuir uma marca ao “e”, já que as vogais temáticas “e” e a “o” não estão em oposição com a vogal “a”; o que acontece é que nomes com “e” e “o” são substantivos e adjetivos sem marca alguma de gênero, portanto também sem concordância.

Ao testar as formas masculinas, femininas, seus singulares e seus plurais, é possível observar a tendência que o português possui de evidenciar a forma marcada (feminina) em detrimento da não marcada (masculina). Observando o exemplo (2) abaixo:

(2)

- a. “Olá, menino.” (Sentença direcionada exclusivamente a alguém do sexo masculino.)
- b. “Olá, menina.” (Sentença direcionada exclusivamente a alguém do sexo feminino.)
- c. “Olá, meninos.” (Sentença direcionada a um conjunto que pode conter indivíduos de ambos os sexos.)
- d. “Olá, meninas.” (Sentença direcionada exclusivamente a um conjunto de indivíduos do sexo feminino.)

Em (2) **c.**, temos uma forma não marcada que abarca todos os sexos; não é uma forma exclusiva. Na verdade, as formas que dispõem de exclusividade são **a.**, **b.**, e **d.**, sendo **d.** a única forma plural a apresentar essa função. A forma marcada (feminina) possui três possibilidades, enquanto a não marcada possui apenas uma, no singular, em **a.**

Ainda segundo Pires e Monaretto,

“o desaparecimento do neutro deu-se pela confusão com o gênero masculino dos casos nominativo, vocativo e acusativo, que possuíam terminações idênticas para ambos os gêneros. Além da confusão morfológica, também se presenciou (...) uma confusão fonética pela queda, no latim vulgar, do -s e do -m nas palavras”.

Ou seja, assim como as palavras latinas da 1ª declinação (vogal temática “a”) tendem a ser femininas no português (“Roma”, “puella”, “littera” etc.), com a queda do caso nominativo, restou ao sistema o singular terminado em “-um” e o plural terminado em “-os” do caso acusativo nos nomes da 2ª declinação (“o/u”). Somado a isso, o desaparecimento das terminações em “-m” e “-s” impossibilitou a distinção entre formas como cantu(s) e hortu(s), templu(m) e cornu(m), antes divididas morfológicamente por casos e declinações foneticamente e morfológicamente diferentes. A consequência da mudança foi que a maior parte dos nomes de gênero neutro foi confundida morfofonologicamente com os nomes de gênero masculino. Como é no português moderno, nomes que apresentam a vogal temática “a” tendem a ser do gênero feminino, assim como nomes que apresentam a vogal temática “o” tendem a ser do gênero masculino/neutro.

A Linguística e os gêneros gramaticais

Uma característica de línguas como o Português é a arbitrariedade com que estão dispostos os determinantes de substantivos não animados. Em Português, “sangue” é considerado um nome masculino, pois o artigo masculino “o” é seu determinante, contrariamente ao que ocorre no Espanhol, onde “sangre” é um substantivo feminino. Ou seja, não existe algo intrínseco nas propriedades do sangue ou da palavra “sangue” que interfira na não arbitrariedade da atribuição de seu gênero gramatical.

No Português Arcaico havia menos redundâncias no NP dos nomes de 3ª declinação. Há registros do século XIII em que o pronome possessivo feminino “mia” determina o nome “senhor”, cujo morfema para gênero é zero (Ø). Semelhantemente, há registros do século XIV que mostram distinções entre e/a, como em sargente/sargenta, servente/serventa. Como mostrado anteriormente, sargente e servente não são exatamente masculinos, são nomes com morfema zero (Ø) marcado para gênero.

No artigo “Substantivos portugueses não flexionam em gênero”, o linguista brasileiro Oto Vale, ao fazer uma análise de corpus usando o ferramental do PLN (Processamento de Linguagem Natural), observa que apenas substantivos que

nomeiam animais e substantivos que nomeiam seres humanos flexionam em gênero no português, tendo como minoritária a flexão de gênero no primeiro conjunto. Conclui-se que apenas um terço dos substantivos flexionam em gênero, fazendo com que

as formas que permitem flexão em gênero seriam exceções”,

pois os substantivos que nomeiam seres inanimados também não flexionam.

Conclusão

Na ciência, é comum que os resultados das pesquisas e deduções a partir de teorias bem fundamentadas sejam contraintuitivos — e com a linguagem não poderia ser diferente, considerando que a análise e a descrição são as tarefas primais do linguista. As conclusões de que os substantivos não flexionam em gênero e de que a única flexão verificada no português é a de morfema marcado (morfema “a”) em oposição à de morfema não marcado (morfema zero, restando apenas as vogais temáticas “e” e “o”) causam estranheza por não serem as ideias que temos quando pensamos a respeito da língua no nosso cotidiano.

Neste intuito, tentamos compilar alguns argumentos estritamente gramaticais sobre o tema, deixando de fora da discussão a pressão social por igualdade e inclusão por entendermos que o funcionamento do sistema linguístico independe de tais reivindicações. Também nos preocupamos em obter explicações sobre os mecanismos gramaticais que atuaram e continuam atuando desde a dialeção do latim e a formação do português.

O erro principal cometido pelos que defendem uma língua mais inclusiva como pauta social não são as soluções gramaticalmente ineficazes ou por vezes absurdas; seu maior erro é, de saída, cometer um básico equívoco lógico conhecido como Falácia do Espantalho, no qual um lado A defende um argumento X, enquanto um lado B, por sua vez, decide atacar um argumento fictício Y (que não foi dado por A).

É ingênuo, senão desonesto, propor soluções para uma língua machista quando essa língua não é machista; é errado acusar uma gramática de não inclusiva e não adaptada a gêneros sociais quando essa gramática não destina espaço nem mesmo para os gêneros sociais já existentes, como demonstrado enfaticamente neste texto. A Falácia do Espantalho cria soluções para problemas inexistentes, e é o que se verifica quando a gramática do português é contrastada com as reivindicações

brevemente citadas aqui; estas tão genuínas, porém que não poderiam estar mais equivocadas a respeito do sistema gramatical que eles ativamente criticam.

(Deixo um agradecimento especial à Milena França e ao Pedro Bertazzi, por terem tido a paciência de me explicar os básicos sobre gênero social e orientação sexual. Espero ter conseguido aprender e usar de maneira satisfatória o que vocês me ensinaram.)

Referências

Basics of Turkish Grammar. (s.d.). Fonte: Bob Cromwell: <https://cromwell-intl.com/turkish/nouns.html>

BILEFSKY, D. (25 de Abril de 2012). *Europe*. Fonte: The New York Times: <http://www.nytimes.com/2012/04/26/world/europe/women-see-worrisome-shift-in-turkey.html? r=1>

DEUTSCHER, G. (2010). *The Unfolding of Language*. Random House.

FISHWICK, C. (23 de Novembro de 2017). *LGBT Rights*. Fonte: The Guardian: <https://www.theguardian.com/world/2017/nov/23/its-just-the-start-lgbt-community-in-turkey-fears-government-crackdown>

FREITAS, M. A. “Brasileirxs e Brasileires: Um Ponto De Vista Da Linguística Sobre Gênero Neutro.” *Cientistasfeministas*, 10 Oct. 2017, cientistasfeministas.wordpress.com/2017/10/10/brasileirxs-e-brasileires-um-ponto-de-vista-da-linguistica-sobre-genero-neutro/.

GALVES, Charlotte. A sintaxe do português brasileiro. **Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura**, [S.l.], n. 13, p. 33–52, dec. 2015. ISSN 0101–3548. Available at: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cltl/article/view/7204/6204>. Date accessed: 05 apr. 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.17851/0101-3548.7.13.33-52>.

JESUS, J. G. (Dezembro de 2012). Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. p. 41.

Kinsey Institute. (s.d.). *The Kinsey Scale*. Fonte: Kinsey Institute (Indiana University): <https://www.kinseyinstitute.org/research/publications/kinsey-scale.php>

MONARETTO, V. N., & PIRES, C. d. (2012). O que aconteceu com o gênero neutro latino? Mudança da estrutura morfossintática do sistema flexional nominal durante a dialeção do latim ao português atual. *Revista Mundo Antigo*.

OLAOYE, A. A. (1993). A synchronic contrastive study of English and Yoruba morphological systems: a recipe for language education. 15.

sangre. (s.d.). Fonte: Wiktionary: <https://es.wiktionary.org/wiki/sangre>

The Sentinelese People. (s.d.). Fonte: North Sentinel Island, home of sentinelese people: <http://northsentinelisland.com/>

VALE, O. A. (2004). Substantivos portugueses não flexionam em gênero. *Revista PaLavra*, 193-209.

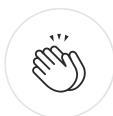
Gênero

Gramática

Linguística

Linguistics

Language



237
claps



WRITTEN BY

Guilherme Teixeira

Follow

Linguistics and computers.



Linguistica

Follow

Um blog sobre Linguística e outras abstrações

More From Medium

AAVE: The "Other" American English Variety

Cara Judkins in Wikitongues



The 12 Ways of Depression

High-Functioning Pill Bottle



Stop Using Gay Clubs as Your Safari Adventure

Roman Voytko Barrosse



This is why you're not learning Arabic the right way

Sara Taki in The Faculty



Bolsonaro: More a Pinochet than a Trump

George G in Dialogue & Discourse



Removing the Mask of Masculinity

Anxy Magazine in Anxy Magazine



The Writing Lesson from my Math Tutor

Daniel Anderson



The Politics of Not Shaving in This Patriarchal Dystopia

Sarah Kasbeer in Behold: A Lady



Medium

[About](#) [Help](#) [Legal](#)

Get the Medium app

